

Gavião com VOZ

Director: Jaime Estorninho
Director-Adjunto: Carlos Grácio

Série III, n.º 12
Outubro de 2004
Preço avulso: €0,50



IMPRITEJO
ARTES GRÁFICAS, LDA.

NO MERCADO REGIONAL
UM SÍMBOLO DE QUALIDADE

Revistas - Jornais - Cartazes - Ofícios - Cartões
Facturas - Envelopes - Mailing's - Fitolitos
Folhetos Publicitários - Convites de Casamento ...
UM MUNDO EM PAPEL

Tel.: 241638340/1 * Fax: 241638342 * Telem.: 966810240
Zona Industrial de Gavião, Lote 9 - Apart. 57 - GAVIÃO
E-mail: impritejo@mail.telepac.pt
<http://impritejo.no.sapo.pt>

JORNAL REGIONAL

Comenda

Quer voltar a ser
uma grande terra



pág. 6

DEPOIS DO FOGO

Igreja do Vale da Vinha
ganha corpo



pág. 7

Centro Social Belverense

ao serviço da comunidade



pág. 10 e 11



DESPORTO

"Os Gavionenses"
Lideram Futebol Distrital

pág. 13

FEIRA DE GASTRONOMIA

O sabor da Gastronomia
numa terra de encontros



centrais

FEIRA MEDIEVAL

da História ao Burlesco e à
Fantasia na Feira
Medieval de Belver



pág. 4 e 5

EDITORIAL



Acabou o Euro 2004! Acabou a Euforia!

Durante semanas o País, Gavião inclusivé, coloriu-se com as cores garridas da Bandeira Nacional. Uma onda de portuguesismo sadio percorreu cidades, vilas e aldeias. Bandeiras hasteadas ao vento, manifestações espontâneas de apoio à Selecção Nacional, o Hino Nacional entoado em fervoroso cântico, com os mais novos (que vergonha) a tentarem acertar o passo, balbuciando o que em qualquer país, que não o nosso, é um dos mais fortes cartões de identidade nacional: o seu Hino. Valeu o esforço e seguramente o orgulho da descoberta de valores que nunca deveriam ter andado arredados do quotidiano das suas vidas. No pós 25 de Abril, confundiu-se identidade nacional com o nacionalismo retrógado do tempo dos "ismos" e, hoje, quando a globalização inevitável "cilindra" as especificidade próprias que nos conferem individualidade, os nossos jovens vêem-se privados de "bússolas" que lhes permitam orientarem-se no caos massificante em que se está a tornar a "coisa" cultural que lhes chega para consumo.

Sentimos o aproveitamento que imediatamente foi feito pelo "sistema" desta onda emocional: "Fizemos do País a nossa bandeira", anunciava um "spot" publicitário de uma conhecida rede de supermercados. Que raiva eu senti ao chegar a uma loja dos ditos e verificar que as maçãs eram francesas (Alcobaça e outros que lhes perdoem, eu não posso), os alhos, espanhóis, as uvas, sul-americanas, as alfaces e as laranjas, espanholas, as carnes da Argentina e do Brasil. Até a batata, a honesta e humilde batata era de origem francesa. De Português havia uma qualidade de couve: a portuguesa, porque as outras também elas vinham de países mais ou menos distantes. E esta cadeia de supermercados é orgulhosamente nacional! O seu líder é dos mais citados exemplos de sucesso empresarial. Os nossos avós morreriam de vergonha ou indignação se vissem o estado a que chegámos. Lutamos para equilibrar a balança de pagamentos e diminuir o déficite das contas públicas, mas importamos alegremente dois terços do que comemos, sem esforço visível por parte das entidades públicas (as tais que para exercer o poder em nosso nome juram quando tomam posse) para alterar esta situação. Será por receio de prejudicar os tais próceres da iniciativa privada oriundos das sua fileiras? Porque não se lança uma campanha séria, consequente, para consumir o produto português? Não se criarão assim postos de trabalho, não se aumentará a riqueza e consequentemente a colheita de impostos com a desejável diminuição do déficite público e da balança de transacções? O Estado, por força dos seus compromissos comunitários, não pode adulterar as regras de livre concorrência, mas pode, e deve, tudo fazer para que os seus nacionais defendam o que é seu. Ninguém, se não formos nós, o virá fazer. **Consumir do que é nosso é um imperativo nacional.**

O Euro 2004 teve o mérito de nos mostrar que ainda estamos vivos. Na minha relativamente longa vida só assisti por três vezes a uma "onda" assim de unidade nacional:

- No 1.º de Maio de 1974 em que multidões sonhadoras, irmanadas pelo ideal da Liberdade, ainda sem o "verdete ácido" das interferências partidárias, mãos dadas, em uníssono, festejaram a Liberdade nascente e o fim da longa noite de incertezas. Confiantes, qual rebanho, na humanidade e dedicação dos seus pastores sem cuidar que entre eles poderia haver, e havia, tantos lobos.
- Na defesa (ainda que tardia) e no apoio à independência de Timor Lomsoe, mostrando, mais uma vez, que o Povo, a tal "Arraia Miúda" de Fernão Lopes, continua a saber responder e responde a estímulos. Assim confie em quem lhe aponte os desígnios nacionais que se impõem e os reconheça como seus. Difícil é confiar, tão pequenas e pouco exemplares são as figuras que cada vez mais tomam o lugar das figuras de antanho que nos habituámos a venerar e dominam as nossas vidas.
- E foi agora com o Campeonato da Europa 2004! Gritámos, sofremos e exultámos ao sabor das derrotas e das vitórias da Selecção de todos nós. Por fim inchámos de orgulho: "Foi o melhor campeonato de sempre", "Uma organização sem falhas", dissemos.

Foi-se o Euro 2004, foi-se o sonho. E aqui chegado não posso deixar de recontar uma quadra do imortal António Aleixo, (engraxador e cauteleiro de profissão - filósofo por nascimento, porque esses como os poetas só o são pelo condão do nascimento)- no dia seguinte ao recebimento de uma homenagem, à qual, por falta de meios, compareceu com um fato emprestado:

"Ontem rei, hoje sem trono,
cá estou de novo na rua.
Entreguei o fato ao dono
E a miséria continua!"

Não vamos devolver o "fato ao dono" porque ele (leia-se Comunidade Europeia) generosamente o ofereceu sob a forma de "fundos perdidos", ficando connosco a responsabilidade mínima do investimento, coberto seguramente pelos impostos gerados pela sua concretização. Mas a miséria, essa, continua como antes. Veja-se as florestas e montados devorados pelas chamas, por incúria, por incapacidade e incompetência, apesar dos livros brancos de que foram alvo. (voltarei a esta questão um dia).

Veja-se a fealdade das nossas cidades, vítimas da ambição desenfreada dos que fazem do "País a sua Bandeira" e dos que por falta de coragem permitem a continuação de rendas de casa a quinze cêntimos por mês, com os inerentes e dramáticos desabamentos de prédios, por não terem manutenção, que os proprietários não podem pagar. Veja-se o lixo acumulado nos locais públicos e veja-se quanto dele poderia e deveria voltar a criar riqueza sendo reciclado. Aceitamos a generosidade dos restantes povos comunitários em fundos perdidos para estabelecer redes de recolha de resíduos sólidos e não somos capazes de, pelo menos, pôr de lado para aproveitamento, o que esses povos há longos anos aproveitam. Somos pobres fazendo figura de ricos.

Isto é miséria e da pior. Haja quem consiga empolgar-nos para o quotidiano como nos empolgámos com o futebol. O êxito de uma selecção, seja qual for, é importante. É um êxito de todos nós. Há que valorizar devidamente. Mas só seremos grandes, definitivamente, se soubermos agir de molde a que sejamos auto-suficientes, sem necessitar da generosidade permanente daqueles que, quais formigas da fábula, produzem sem descanso para consumo das cigarras que desgraçadamente continuamos a ser.

Jaime Estorninho
(Jaimestorninho@alentejodigital.pt)

CRÓNICA
Pessoas de Outros Tempos

Quando viajo ao meu imaginário juvenil revejo pessoas que por terem sido excepcionais ou excêntricas me causam grande emoção e saudade. Essas pessoas, na maior parte das vezes, nem se revestiram de grande notoriedade. Foram pessoas simples, pessoas do povo, as pessoas que mais me empolgaram. Aquelas que passaram pela vida e apenas se fizeram notar pela sua originalidade. Hoje recordo uma dessas personalidades: o Manél d'Ávó. Vivia para os lados da Senhora dos Remédios. Recordo-o descalço, com um andar efeminado, nas suas idas diárias, da sua casa na Senhora dos Remédios ao fontanário do Largo do Fundo da Rua, para se abastecer de água, com um cântaro de barro à cabeça tal qual as mulheres faziam, nos anos trinta e cinquenta do século passado. Era um homem diferente dos outros homens. Um homem cujas características cromossómicas sofreram nefasta mutação. Isto valia-lhe a arruaça, o ridículo e o escárnio dos homens e das crianças. As mulheres pelo facto dele gostar muito de flores até lhe concediam o benefício da amizade. Estas, das quinquagenárias às octogenárias, ainda hoje se recordam dele como o homem dos vasos de flores. Recordando este homem que pela sua diferença dos outros se distinguia, recordo também um pouco da minha infância e da saudade que dela tenho, e, ao mesmo tempo, desejo faz-la, a minha saudade, solidária daqueles que por imperativos da vida ou escolha propositada abandonaram a sua terra natal, o Gavião, venderam os seus bens e deixaram nela apenas as pedras tumulares dos seus familiares. Hoje vivem, eu sei, na permanente angústia e nostalgia dos desenraizados que se sentem ilhas nos oceanos das urbes em que se exilaram. Eles também se recordarão do Manél d'Ávó. E, como eu, possivelmente lembrar-se-ão mais dele do que de todos os Pequitos e Seixas que constituem a toponímia das nossas ruas. Que dores não teria sofrido aquela mãe ao aperceber-se de quanto diferente era o seu menino dos outros meninos. Uma coisa eu sei: aquela mãe tinha muito orgulho do seu filho. Ela sabia que ele era incapaz de fazer mal, incapaz de matar uma mosca sequer. Já a mãe de George Bush, o grande presidente dos Estados Unidos da América, não pode dizer o mesmo do seu filho.

António Valério

A PROPÓSITO DE:
AUTO-ESTIMA

CARLOS GRÁCIO

O Euro 2004 já lá vai com resultados que superaram quase todas as expectativas, quer a nível organizativo quer a nível do produto final que ficou apenas a um passo da plenitude o que, vistas as coisas a frio, foi no mínimo extraordinário.

Lavou-nos a alma, elevou-nos o ego, enfim, fez com que gostássemos um pouco mais de nós próprios e estivéssemos unidos em redor de uma causa comum – o bom-nome de Portugal.

E numa época de depressão generalizada por razões que se prendem com falta de perspectivas de futuros risonhos, este foi sem dúvida um período de vida em comum que se aproveitou intensamente e que qualquer sociólogo encartado ou não, analisou das formas mais diversas.

A onda verde e rubra que varreu o País, as infundáveis manifestações de júbilo após cada partida disputada, o reavivar das estrofes do Hino Nacional que muita gente nem conhecia, devolveu a este País "à beira-mar plantado", um fulgor que julgava não ter, uma alegria que andava arredida e um entusiasmo que soube inventar nos pequenos/grandes gestos que definem um povo, que o identificam e o fazem cantar na rua que é o lugar onde tudo pode acontecer.

O reencontro de um País com os seus valores nacionais (que não nacionalistas de má memória) mais caros, o sentido lúdico do momento são, em minha opinião, o que permanece dos momentos eufóricos que se viveram em pleno. E não é isso o melhor da de festa?

Gavião com
VOZ
JORNAL REGIONAL

Depósito Legal: 121892

Periodicidade: Bimensal

Director: Jaime Estorninho; Consultor: Manuel Isaac Correia; Director-Adjunto: Carlos Grácio;

Chefe de Redacção: Germano Porfírio;

Colaboraram nesta edição: António Valério, Manuel Isaac Correia, JE Pantagruel, Prof. Jorge

Lima, Jorge Santos, P.e António Lobato, Mário Pissarra, Francisco M. C. Maurício P.e Narciso;

Propriedade: Comissão de Melhoramentos do Concelho de Gavião; Redacção e

Administração: Cine-Teatro Francisco Ventura - Apartado 46 - Gavião; Composição: Maurício

Delgado; Impressão: Imprimejo - Artes Gráficas, L.da - Gavião - 1500 ex.

REPORTAGEM

ENCONTRO INTERNACIONAL DE BANDAS

Um Encontro de bandas reuniu no dia 29 de Maio quatro filarmónicas em Gavião, naquele que é o X Festival de Bandas de Música Cívica e o IV Internacional promovido pela Banda Juvenil do Município.

Para além da banda anfitriã, reuniram-se a Banda Municipal de Música de Albuquerque, cujo maestro é Santiago Méndez González, a Banda do Centro Recreativo Amadores de Música "Os Leões", de Moura, regida pelo maestro José Faustino Peralta, e ainda a Sociedade Filarmónica Aurora Pedroguesa, de Pedrógão Pequeno, cujo maestro é Carlos Valente. As bandas concentraram-se na Praça do Município, onde entoaram os respectivos hinos, tendo ocorrido em seguida uma recepção nos Paços do Concelho, onde o presidente da Câmara, Jorge Martins, cumprimentou os músicos e dirigentes.

Seguiu-se o desfile até ao cine-teatro Francisco Ventura, onde as

bandas interpretaram um repertório variado.

Destaque merece o facto de, por parte da Banda Juvenil do Município de Gavião, terem actuado também grupos da Escola de Música. Os infantis tocaram flauta de bisel, os juvenis actuaram com instrumentos de sopro e nem faltaram os adultos também a actuar.

Para o maestro Paulo Pires este Encontro é uma forma de "promoção da actividade cultural no concelho", ao mesmo tempo que cria condições para a participação da Banda Juvenil noutras deslocações.

Para a realização deste Encontro, e ainda conforme nos referiu Paulo Pires, há a realçar o apoio da Câmara e também do Inatel, IPJ e do comércio local.

O presidente do CCD da Banda Juvenil do Município de Gavião, José Pio, declarou-nos que o Encontro "é uma das actividades que faz sempre parte dos nossos planos" e traduz-se "sempre numa das



iniciativas mais importantes".

O dirigente da agremiação fez-nos notar ainda "a feliz coincidência" de o evento se poder inserir na Festa da Primavera promovida pelo Centro Social dos

Bombeiros de Gavião e amigos. Este Encontro, segundo José Pio, traduziu-se num "excelente meio de divulgação e promoção da música filarmónica".

CERÂMICA E PINTURA NA CASA DO POVO DE GAVIÃO



Olhares Cruzados sobre os Hospitalários, assim se intitulou a exposição da autoria de Isabel Neves e Tomaz Hipólito, que esteve patente no salão nobre da Casa do Povo de Gavião, nos passados dias 18 e 19 de Julho, cuja inauguração contou com a presença de alguns membros da Ordem Soberana de Malta. Desde 1990, Isabel Neves tem vindo a recuperar a quase extinta Olaria da Flor da Rosa, através da difusão de peças com formas medievais – canecas, pratos de açorda, alguidares, painéis e tachos -, às quais imprime o cunho da sua personalidade e gosto especial, explorando desenhos estilizados inspirados na Ordem do Hospital, hoje conhecida como Ordem de Malta. "Reinventei esta arte tradicional em extinção, pegando nas peças e dando-lhes uma nova vida através das

muitas cores que crio. Nunca faço duas peças iguais", diz-nos a artista que desta forma pretende alertar o mundo para o perigo desta arte ancestral desaparecer de Flor da Rosa. "Os últimos oleiros da Flor da Rosa já deixaram de trabalhar devido à idade avançada. Com eles fechou-se um ciclo. Resta-nos agora depositar as esperanças nos poucos jovens que pretendem dar continuidade a esta arte, utilizando as técnicas seculares que passaram de geração em geração. E não estou só a falar dos jovens de Flor da Rosa, falo também para a nova geração gaviionense que poderá contribuir para o renascimento deste ofício, através da divulgação e da frequência de cursos, por exemplo, através da Escola de Olaria da Flor da Rosa. Quem sabe se no futuro Gavião não poderá contar com jovens ceramistas, no sentido de dar continuidade à olaria". Um apelo sentido de quem há 14 anos deixou Lisboa para se fixar na aldeia de Flor da Rosa e iniciar uma vida nova, com a criação do *Atelier Frol da Rosa*, e apostar na divulgação dos barros e da Ordem de Malta, que em tempos remotos dominou toda esta zona e que, desde há uns anos para cá, tem vindo a reatar laços históricos com os antigos territórios, como é o caso do Gavião onde já funciona, desde o início do ano, um núcleo de voluntariado, para apoio à Misericórdia de Gavião.

A todo este esforço na divulgação dos barros da Flor da Rosa não ficou indiferente Tomaz Hipólito, com fortes raízes a Gavião, que se apaixonou por este tipo de arte, e o revelou através da sua objectiva, captando as várias fases e técnicas do trabalho desenvolvido no atelier de Isabel Neves. O resultado foi transposto para as telas e para as fotografias em caixas de luz. "Foi um evento positivo em que tivemos a grata surpresa de ver muitos jovens interessados na exposição. Resta-nos agora agradecer aos nossos patrocinadores – Câmara Municipal de Gavião, Casa do Povo de Gavião, Misericórdia de Gavião, Quinta do Barata, Atelier Frol da Rosa, Vexo e Ilex -, pelo apoio concedido", remata Isabel que viu a sua exposição transitar para o Museu Municipal do Crato, onde esteve patente até ao passado dia 16 de Agosto.

A PRESENÇA DA ORDEM DE MALTA NO NORTE ALENTEJANO

A Ordem de São João Baptista ou do Hospital, depois chamada Ordem de Malta, foi instituída no século XI por um grupo de comerciantes italianos de Amalfi, que na cidade de Jerusalém fundou um hospital para a assistência aos peregrinos que se deslocavam à Terra Santa. A entrada dos freires do Hospital em Portugal é ainda de conhecimento incerto, no entanto é seguro afirmar que ocorreu no início do século XII. D. Teresa Afonso, mulher do conde D. Henrique, doou o Mosteiro de Leça do Balio aos Hospitalários em 1128, tendo sido neste local a primeira casa-mãe da Ordem em Portugal. A sua acção civilizadora e de defesa dos povos contra os Mouros levou D. Sancho I a doar-lhes importantes terras nas margens do Tejo. É aí que irão construir o castelo de Belver, para onde mudam a sua sede. Em 1232, D. Sancho II anexa ao território da Ordem as terras do Crato onde, em 1356, D. Álvaro Gonçalves Pereira, o primeiro a ser designado por Prior do Crato, manda edificar o Mosteiro de Flor da Rosa, que se tornaria durante séculos a casa-mãe dos monges-cavaleiros. No Crato se estabeleceu a capital do priorado que possuía vinte e três comendas e as seguintes vilas e seus termos: Crato, Gáfete, Tolosa, Amieira do Tejo, Gavião, Belver, Envendos, Carvoeiro, Sertã, Oleiros, Pedrógão Pequeno, Proença-a-Nova, Cardigos e Álvaro.

3.^a FEIRA MEDIEVAL

Da história ao burlesco e à fantasia na Feira Medieval de Belver

Belver voltou a viver em plena Idade Média de 18 a 20 de Junho.

À sombra do castelo que marcou, no reinado de D.Sancho I, a fronteira entre o mundo português cristão, a norte do Tejo, e a planície infiel moçárabe a sul, esta voltou a ser a terra de Guidintesta que os cavaleiros da S.João de Jerusalém, da Ordem do Hospital, depois rebaptizaram como terra do Belo Ver, sempre defendida e prestigiada pela cruz de oito pontas dos freires hospitalários.

O porquê de Belo Ver todos o sabemos, e só quem não conhece o Tejo visto daqui não saberá por que razão Belver tem este nome, que lhe foi dado ou sugerido pelo próprio rei D.Sancho.

De sexta a domingo não faltaram em Belver jograis, saltimbancos, segréis, chamareiros, gaiteiros e muito mais, nem as músicas, danças e cantares, episódios burlescos, torneios de armas e escaramuças, juízo de heréticos e de cousas de bruxaria, comida nas tabernas da feira, combates de espadas de fogo e outros exercícios de pirotecnia, jogos populares e bailaricos com os visitantes, juízo das malfeitorias e alevisidades praticadas na feira, danças do ventre, mendigos e vendedores de relíquias da Terra Santa, torneio de armas com participação dos populares e o mais que aqui não cabe.

E ao visitar a feira que este ano transbordou dos três largos para a Rua da Barca até ao monumental miradouro do Outeirinho, encontrámos desde a



desafios para participar nas brincadeiras que os grupos de animação do Viv'arte encenavam.

De facto, e podemos afirmá-lo, esta Feira Medieval revelou-se um acontecimento absolutamente notável.

Este ano uma surpresa plena: em estreia absoluta: "Mestre" Alexandrino, com o seu "firme e hirto" popularizado pelo Herman.

O homem lá andou a fazer que hipnotizava as pessoas, mas só conseguiu hipnotizar elementos da equipa do Viv'arte.

A última noite terminou em grande com o momento mais esperado, que é a tomada do castelo em grande euforia.

Ao longo das duas tardes e noites anteriores, com continuação também no domingo, não faltaram os petiscos como os sempre deliciosos do Kabras (com restaurante ali ao lado, na Ortiga) com o peixe a ser rei.

Aqui a qualidade paga e é também através da qualidade dos eventos de animação que podemos "vender" um produto de excelsa qualidade, que é o Norte Alentejano e onde Belver faz como que a síntese desta região onde a imponência e riqueza do património, a beleza e variedade das paisagens, a excelência da gastronomia, a autenticidade do artesanato, a qualidade dos produtos tradicionais e a sinceridade e simpatia das gentes fazem de cada dia uma descoberta e de cada descoberta um grande, enorme prazer.



latoagem de estanho passando pelos cobres, pelos ourives, cambistas, armeiros e tantos e tantos outros mesteiros. E claro que os chás não faltaram, tal como não faltaram os sempre deliciosos bolos secos de Gavião.

Quanto às pessoas, levadas a participar no evento, envolviam-se de alma e coração, aderindo não só aos passeios por todo o espaço, como respondendo positivamente a convites e

Dar vida às pedras da nossa história

O presidente da Câmara de Gavião, Jorge Martins, considera que esta é uma iniciativa "que dá muita vida às pedras da nossa história, até porque "está aqui muito da alegria, da empatia e da surpresa" que sempre encontramos em terras de Guidintesta, neste "recanto da paisagem e no ambiente acolhedor do belo ver".

Quanto ao certame em si, "há uma evolução natural", que este ano contou com as actividades artesanais e mercantis na Rua da Barca, levando os visitantes até ao sempre doce miradouro do Outeirinho.

É afinal "uma evolução consolidada o que hoje sentimos"; é a certeza de que esta Feira Medieval "é algo que se afirma" e que atrai gente de muito lado, de Abrantes, de Ponte de Sor, de Portalegre, "e que indiscutivelmente nos deixa a ideia de que a partir daqui há um desejável regresso" a terras de Belver, vindo aqui experimentar paladares e sabores, até porque esta edição do certame contou com "mais oferta e mais diversidade" a nível gastronómico.

Por outro lado ainda "a exposição e venda de produtos vem ao encontro da expectativa dos visitantes", pelo que

estamos perante muitos produtos com mercado.

Para além disto contamos ainda "com a animação" como complemento da própria feira, utilizando estratégias provocatórias e que "desperta sensações, sentimentos e alegria nas pessoas que por aqui circulam".

Fica a certeza reconfirmada de que se está bem, muito bem, neste espaço e neste cenário, neste reviver da história num recanto com memória dela. E que ela se revive de modo lúdico, alegre... e só comprometido com o futuro.



REPORTAGEM

VAL EM BELVER

“Já não representamos, vivemos a idade Média”



Falámos com Mário da Costa, do Viv'Arte, o grupo de Teatro de Animação que se especializou na organização de recriações históricas, especialmente da Idade Média.

“Procuramos proporcionar mais do que um simples entretenimento, transmitindo hábitos, práticas, mentalidades diferentes, dando uma dimensão pedagógica e cultural ao nosso trabalho. Não procuramos uma mera reconstituição de vestimentas e cenários: pretendemos reviver, na medida do possível, todo um ambiente de época”, assim define Mário da Costa o trabalho do Viva'Arte que ainda a 24 de Abril recriou na noite de Gavião a revolução de há 30 anos.

Para a montagem integral de uma Feira Medieval, o custo pode orçar os 10 mil euros, mas se o evento durar mais que um dia os custos começam a baixar proporcionalmente. Mas o Viv'Arte assegura também animações teatrais (por 2.500 euros), de entre os vários tipos de actuação que realiza, que pode por exemplo ser apenas uma montagem de cenário com tendas medievais. Por outro lado a especialização levou a que “já não representamos, vivemos a Idade Média”, tal o entrosamento conseguido (e hoje o elevado número de representações anuais).

Em 1988 nasceu um grupo de teatro na escola secundária onde Mário da Costa leccionava história.

“Começámos com teatro para as escolas” e 10 anos depois “havia 18 peças de teatro, todas minhas”. Começámos depois a fazer recriações históricas.

Em Águeda, onde dava aulas, estas eram dadas no trabalho de restauro de barcos da Gafanha.

É que os seus alunos “habituarão-se a trocar de roupa para vir para a sala” onde chegou a haver três barcos e um de 16 metros... “e o quarto barco flutuou no

rio Águeda” sendo feito a seguir uma recriação da chegada do Vasco da Gama e que envolveu 2.000 alunos.

O grupo acabou por se constituir como Companhia de Teatro e “começámos com quatro e hoje somos 25, percorremos o país de lés a lés e temos trabalho todos os fins de semana, e até já temos de seleccionar”, confessa Mário da Costa. O Grupo tem hoje funcionários, entre actores e equipa de apoio, mas continua a não ver reconhecido como digno de apoio o seu trabalho por parte do Ministério da Cultura, isto porque “o Ministério não nos considera profissionais”, já que não contempla uma época histórica – no caso a Idade Média – como passível de ser interpretada. Por outro lado “a Direcção Regional de Coimbra do Ministério da Cultura não nos apoia porque não somos amadores”, dá-nos a conhecer Mário da Costa, sem esconder a ironia da situação... “é que em contrapartida o Presidente da República diz que estamos a fazer história”, mas o que é um facto “é que não entramos na ementa do Ministério da Cultura”, diz-nos Mário da Costa, que um dia deixou as suas aulas de história e a sua carreira de professor para se dedicar a “ajudar que as pessoas se aproximem dos calhaus e revivam as épocas” que o Viv'arte transforma em momentos ao vivo, em directo e a cores... e sempre com boa disposição. “Ainda fizemos Carnavais e Natais para sobreviver, mas hoje só voltaremos a fazer o mesmo se ficarmos com a corda na garganta”, diz-nos Mário da Costa.

Na verdade o Viv'arte trata-se de uma “companhia de teatro especializada em recriação histórica e trabalhamos qualquer época, desde que com tempo”

Exemplos como o 25 de Abril em Gavião, ou a implantação da República, em Arronches, são cartões de visita do Viv'Arte

Hoje já se vai produzindo aquilo de que a companhia necessita em termos de guarda-roupa e de utensílios, havendo um trabalho muito estreito com carpinteiro, ferreiro e outros especialistas, sendo certo que “damos formação aos artesãos” que trabalham com o Viv'Arte.



OPINIÃO

Belver,

Decorria o dia 20 de Junho do ano da graça de 2004, a noite caía, não se ouvia mais do que alguns ruídos de aves nocturnas, que sobressaía pelo silêncio instalado, naquela pacata Vila.

O vento, esse tinha parado. Pairava no ar algo místico!!!, sobressaltados que por vezes suscitavam dúvidas do que poderia acontecer.

Eis senão quando dos Reinos de Castela, surge um poderoso exército, afim de tomar de assalto os domínios salvaguardados pelo nobre castelo mandado erguer por D. Sancho I em 13/06/1194 daquela que é a chamada zona de “Guidintesta”.

Foi por volta das 22h que a batalha se deu, a luta foi feroz, condignamente defendida pelos nossos homens. No fundo conseguimos vencer.

Vencemos pela convicção, pelo desempenho e essencialmente pela animação e boa disposição de mais uma “Feira Medieval”, que como já vem sendo costume, traz a esta Vila a alegria e a animação que caracteriza o povo desta terra.



Enfim, de 18 a 20 de Junho no decorrer de mais uma “Feira Medieval”, a Vila torna a viver momentos que, como sempre ficam para a história e reforçam mais uma vez o verdadeiro significado do reencontro, da amizade, da simpatia e de saber acolher, características que sobressaem no povo de Belver.

Pelas ruas existiu não só reencontro com o passado mas essencialmente a convivência com todos aqueles que decidiram passar um fim de semana diferente deslocando-se à nossa terra para connosco partilharem e enriquecerem a cultura da nossa Vila.

Organizado pelo 3.º ano consecutivo, este acontecimento tem a duração de três dias com a presença das sempre apetecíveis tasquinhas e seus belos petiscos.

O artesanato torna-se também habitual para todos os que querem levar uma pequena recordação do evento, dançarinos, músicos e outras habilidades mais arriscadas são também uma constante deste convívio.

Há pois que, cada vez mais dinamizar/divulgar este tipo de acontecimentos, para dar a conhecer esta belíssima terra, não só pelos seus aspectos paisagísticos, mas também pela riquíssima cultura que traz sempre algo a acrescentar à vida.

Está de parabéns toda a organização, em particular ao Grupo VIV'ARTE bem como o Município, pelo brilhantismo e pela dedicação em proporcionar momentos brilhantes, não só à população mas a todos os que tiveram a amabilidade de nos visitar.

E até para o ano, esperamos que se repita...

Francisco M. C.
Maurício



ENTREVISTA

COMENDA QUER VOLTAR A SER UMA GRANDE TERRA

A freguesia de Comenda, antigo Castelo Cernado, depara-se com as dificuldades de uma terra pequena do nosso interior desertificado, mas ainda assim tem confiança no futuro e projectos não faltam.



A primeira curiosidade é que Manuel Morais, no seu segundo mandato à frente da Junta de Freguesia, vive por opção na Comenda há 23 anos mas é natural de Lamego.

A freguesia, que conta com cerca de 1.000 habitantes divididos pela sua sede, e ainda por Vale da Feiteira e Ferraria, possui uma “população envelhecida e grande número de reformados”, sendo que “a maior fonte de emprego é a Santa Casa da Misericórdia de Gavião através do Lar de Nossa Senhora das Necessidades”.

Situando-se a Comenda num “planalto na extrema entre o Alto Alentejo e a Beira”, apesar da

sua dimensão é uma terra com recursos. Possui comércio, com supermercado, cafés e bares, bomba de gasolina, etc., e conta ainda com farmácia, posto médico, escola, centro de dia e lar. Espera-se o multibanco, hoje um equipamento muito necessário.

A freguesia, de acordo com a leitura do presidente da Junta, “vive de alguma agricultura sazonal”, inserindo nesta actividade a tiragem de cortiça e o corte de madeira. Depois e para além da pequena agricultura de sobrevivência, em termos de actividade económica surge a actividade de construção civil e ainda três panificações, confeitaria tradicional, como a Tocha, e ainda duas salsicharias de fumeiro tradicional, a de Atílio Mouro, no Vale da Feiteira, e Monte Novo, em Vale do Junco, na Ferraria, onde Manuel Morais nos chama a atenção para o emblemático moinho de água tradicional, de Luís Couteiro, já falecido.

Em termos de infraestruturas e apesar da dispersão, estas estão praticamente concluídas. O saneamento básico existe em todas as localidades, tal como água e electricidade e, em termos de arruamentos, o pouco que falta será executado em breve. A ETAR vai também ser remodelada a curto prazo, a encargo da Águas do Norte Alentejano e

Câmara de Gavião, e está já adjudicada a construção do Mercado, que será uma realidade em breve.

Uma das grandes atracções da freguesia é obviamente o parque de merendas da Ribeira da Venda, uma infraestrutura de lazer de grande qualidade, mas “com falta ainda de dois equipamentos para a segunda fase, que é a piscina para adultos e um mini-parque de campismo, existindo o espaço para tal”.

Em termos de futuro, Manuel Morais aponta as suas ambições: “gostaríamos de ver o Largo da Igreja de Vale da Feiteira ajardinado”, bem como “o acesso à ponte e aos tanques arranjado”, tal como “gostaríamos de ver o Salão Paroquial restaurado, que é o único local com condições para a realização de eventos na freguesia”, sendo ainda apontada a necessidade de um local para vazadouro de entulhos.

Outra ambição, que se conjuga com a vontade da Câmara, é a de “no futuro ver a aquisição da velha fábrica de tacos”, a contemplar como zona industrial no PDM “para reinstalação de unidades industriais em laboração na freguesia”, tais como carpintarias, serralharia de alumínio, ferreiro e ainda uma casa de equipamento hoteleiro. A necessidade de um restaurante é afirmada pelo presidente da Junta, “que a freguesia já merece”. Também em sede de revisão do PDM, espera-se que possa vir a ser contemplada uma área de edificabilidade. A necessidade de um cemitério inter-freguesias de Comenda e Margem é apontada por Manuel Morais, tal como a construção de uma casa mortuária na Ferraria, aqui estando a “situação pendente de uma cedência de terrenos”.

Quanto ao projecto de Regadio Tradicional das Ribeiras de Margem e Venda, o mesmo “está em marcha mas sofreu um retrocesso com o Governo”.

Em termos de vivência “já se nota algum retorno de filhos da terra e recuperação de casas, e até pessoas que não são da região já adquiriram casas para restaurar e vir passar férias”.

O grande sonho para daqui a 20 anos é que o trabalho continuado “faça com que a Comenda volte a ser uma grande terra”.



I G R E J A

DEPOIS DO FOGO
Igreja ganha corpo

A alma nunca a perdeu a gente, mas o corpo da Igreja de Vale da Vinha estava requeimado desde o incêndio do verão passado, que trespassou paredes e corações.

Contra ventos e marés, mas com a vontade das gentes, eis que a Igreja já está a ser reconstruída com o empenho da Paróquia e da Câmara.

Mesmo com as incertezas quanto ao financiamento depois do tempo das promessas, para o povo de Vale da Vinha é tempo de obra, não de palavras. E a obra lá está, a crescer e a mostrar que a vontade de uma comunidade tem muita força, e que quem não se verga perante um fogo que destrói vidas não se vai vergar perante as dificuldades de um financiamento.

Reconstruir a Igreja de Vale da Vinha é um ponto de honra e um acto

de coragem, de exorcismo das nossas mágoas. É um símbolo do reencontro da comunidade consigo mesma.

As nossas almas começam agora a ficar brancas com as paredes que crescem dando lugar a um renovado espaço da comunidade, à casa de todos que o fogo nos levou mas que a vontade dos homens nos traz de volta, resgatando às garras do incêndio aquilo que ele não foi capaz de nos roubar nem ninguém o conseguirá, que e a nossa vontade de viver.

E como as árvores hão-de voltar a crescer, também as nossas raras crianças e os nossos queridos idosos – e todos os outros – havemos de voltar a sorrir.

No dia em que acabar esta obra, os nossos corações voltarão a estar calmos.

Povo espera a Igreja

A apresentação do projecto da nova igreja ocorreu na escola de Vale da Vinha, cuja sala de aula serve também de templo para celebração da eucaristia.

Presente quase toda a população da pequena aldeia que ficou muito satisfeita com o projecto que viu e que foi explicado pela sua autora, a arquitecta Ana Luísa Neves, do Departamento Técnico da Câmara de Gavião, acompanhada pelo director do mesmo Departamento, engenheiro Firmino Espadinha.

No decorrer das explicações, o presidente da Câmara declarou que a autarquia “está neste projecto apenas porque depois da tragédia que assolou o nosso concelho se prontificou a apoiar a paróquia de Margem e o seu pároco na recuperação deste espaço de culto tão caro ao povo de Vale da Vinha”, dando a Câmara o contributo dos seus serviços técnicos para a concretização do projecto da nova igreja.

Todavia “a ideia não é copiar o que existia”, porque o que é necessário agora “é fazer a obra de acordo com o tempo”, daí a construção da capela mortuária, que “é uma carência”, tal como a zona envolvente em vez de continuar a ser um espaço para animais passa agora a ser uma zona verde. O que se passa então é que a Câmara ajudou a paróquia na candidatura da obra mas “tem havido problemas” e “o senhor padre e a Câmara têm tomado posições junto das pessoas que decidem”, estando convicto Jorge Martins de que “vai haver bom senso” e por isso “a obra há-de ser feita”.

Em termos de regulamentação, Jorge Martins refere não conseguir encontrar normativo que impeça a aprovação da candidatura desde que a mesma não ultrapasse o limite de 250 mil euros (50 mil contos).

Quanto ao padre Adelino Cardoso, que agradece todo o apoio e incentivo por parte da Câmara, não tem dúvidas de que a aprovação da candidatura “não é mais do que dar o que é justo e aquilo a que as pessoas têm direito”.

Houve lágrimas nos olhos de homens ao longo da apresentação do projecto.

Manuel António, de 83 anos, disse-nos que “quero ver o fim disto. Sou o mais velho, tenho netos e bisnetos e só temos a agradecer” à Câmara e à Paróquia o trabalho desenvolvido.

As irmãs Maria Adriana e Evangelina Maria lembram que “nesse dia tínhamos arranjado as imagens para a procissão” e depois “só vi o lume ali a chegar”, o que Evangelina não consegue dizer ainda sem lágrimas mas que se transformam em sorrisos de esperança ao dizer gostar do projecto “da nossa capela aqui no nosso Vale da Vinha”, acrescentando a irmã que quando a igreja estiver feita “fazemos uma grande festa e estão todos convidados”.

José Matos acrescenta que “achei que o projecto está magnífico”, referindo-se ainda ao espaço verde envolvente e que “a população merece”. João de Matos corrobora a mesma opinião, concluindo que “acho que está muito bem”.

Maria dos Remédios diz-nos também que “acho que está tudo muito bem” e “temos é que agradecer”, uma expressão e uma forma de estar que o povo humilde da aldeia cultiva.



DESTAQUE

O SABOR DA GASTRONOMIA

13.^a MOSTRA DE ARTESANATO,
GASTRONOMIA E ACTIVIDADES ECONÓMICAS

Numa terra de encontros, de confluência entre o além-Tejo, a beira-Tejo e o riba-Tejo, a gastronomia é um exemplo da riqueza cultural das gentes de Gavião e a sua mostra maior decorreu de 15 a 18 de Julho, num certame em que a cortiça se assume também como futuro no concelho e da região.



Espaço de confluências, de trocas e encontros entre gentes diferentes, as terras de Gavião são berço para uma cultura repleta de particularismos e que reúne o que de melhor há em cada uma das regiões que o Tejo toca e afaga.

“... Um Alentejo diferente”, diz o slogan sobre Gavião, e é verdade.

De facto aqui se reúnem características que dão identidade própria e conferem riqueza cultural às gentes que teimam em ser alentejanas numa terra de extremo, que é também uma terra de oportunidades, como sempre acontece num espaço de confluências e de intercâmbios.

O retrato da Feira de Artesanato, Gastronomia e

Actividades Económicas de Gavião bem ilustra esta realidade social.

Aqui a gastronomia é a grande riqueza e a sua singularidade, a sua diferença aliada à simpatia das gentes marca a personalidade de um certame que traduz também o dia a dia de uma terra e a maneira de ser das suas gentes.

Este ano também começa a tornar-se visível já a importância da cortiça no futuro do concelho e da região, com o expositor da APCOR e com os stands da AJT, com uma fábrica a instalar-se em Gavião, a que se junta do stand da Robinson e ainda um outro expositor especialmente dedicado a roupa e acessórios de cortiças.

Marcou aliás visível sucesso a passagem de modelos dessa roupa e acessórios de cortiça no primeiro dia do certame que decorreu entre quinta e domingo.

Múltiplas entidades marcaram presença no primeiro dia da Feira,

desde o governador Civil, Cristóvão Crespo, ao presidente da Região de Turismo, Ceia da Silva, aos presidentes das Câmaras de Nisa e de Alter, à vereadora de Marvão ou ao delegado do Inatel, de entre várias outras individualidades que acompanharam o presidente da Câmara de Gavião, Jorge Martins, na visita inaugural aos expositores.

Germano Porfírio, vice-presidente da Câmara e responsável pela organização do certame fez-nos no final o balanço desta feira que “correu muito bem” e até “superou as expectativas”.

Em termos de refeições, foram servidas mais de 2.500 pelo conjunto dos quatro restaurantes da feira – Centro Social de Margem, Quinta do Barata, O Marinheiro e Clube Os Gavionenses -, que primaram pela grande aposta no bom e no autêntico.

Da sopa de couve com feijão e petinga frita à sopa grossa, da açorda de ovas com solha frita à miga de feijão com couve e bacalhau assado, da sopa seca às migas de pão e às de batata com entrecosto, dos assalhões à miolada, juntando-se ainda aqui a lampreia servida pelo Marinheiro, estes e outros pratos marcaram presença forte no

reforço da identidade de uma feira e na riqueza cultural que uma gastronomia revela. Por isso diz, e bem, Germano Porfírio, que “esta feira já é uma referência em termos gastronómicos”.

Realce, agora a nível dos expositores presentes, para as delícias da padaria da Carminda, onde os bolos tradicionais como o de pão em massa, os fintos, os bolinhos de óleo, de mel e de limão, as broas milhas e as broas fervidas nos levam ao êxtase. Depois Maria do Carmo Infante delicia-nos com as



DESTAQUE

Alta numa terra de encontros



filhós, com as azevias, com as broas fervidas ou com os bolos de amêndoa. Destaque ainda para Sílvia & Tocha, da Comenda, com um excelente conjunto de bolos de pastelaria, mas com destaque para as cavacas de Nisa.

Notemos ainda o azeite da Atalaia e os queijos da Lameira, a salsicharia de Florinda Teodora, de Vale de Gaviões, a merecerem destaque o seu lombo ensacado e os seus painhos. Na de Edviges Couteiro, também de Vale de Gaviões e com cerca de 60 anos de existência, sobressairá talvez o painho e o toucinho fumado. Por último na mais nova de todas, o Fumeiro do Monte, em Vale do Junco, na Ferraria, com a cabeça de xara, as paiolas e os paios, E depois no artesanato, o exemplo que destacamos, falecida que foi recentemente a grande mestra das mantas de Belver, são naturalmente as bonecas de Maria Minda, de Vale



de Gaviões. Como nos salienta Germano Porfírio, este ano surgiram algumas novidades, tais como o facto de o certame se ter visto aumentado de um dia, passando assim a feira a contar com quatro dias, mas ao mesmo tempo ainda foi possível “reduzir custos”.

No que se refere à animação, a mesma contou com os Clã, no último dia, e com grupos de música popular e de música gótica nas restantes noites.

Em termos de objectivo central do certame



surge naturalmente “a promoção do concelho e da região”, e em particular da própria gastronomia. Olhando o futuro, para Germano Porfírio a aposta deve passar sempre por “inovar e melhorar, sobretudo a nível da qualidade”, acreditando que tal ainda é possível apesar do nível elevado que este certame apresenta.



AJT de mãos dadas com Gavião



O empresário Alberto Tavares, proprietário da AJT e detentor de várias fábricas em Portugal e noutros países, e que em breve terá uma nova fábrica em Gavião, apresentava na Feira um stand promocional do Grupo que lidera. Acompanhado do presidente da Câmara, Jorge Martins, afirma estar muito agradado com a força e o vigor do certame.

“Surpreendeu-me”, declarou, pois face aos dados que possui sobre Gavião, um concelho com cinco mil habitantes, “não contava com todo este povo nem com esta euforia”.

MARIA MINDA



REPORTAGEM

CENTRO SOCIAL DE BELVER ao serviço da comunidade

Nasceu como nascem as grandes obras. Nasceu e cresceu das boas vontades de um punhado de gente que quis e quer o melhor para a sua terra e para os seus semelhantes.

Benvinda Rosa, encarregada-geral do Centro Social Belverense lembra que “foi constituída uma Comissão” e que uma das primeiras acções foi “um peditório para a constituição de um Centro de Dia”.

De facto havia e há muita necessidade de apoio aos idosos, daqueles de quem “os filhos não podem tomar conta”.

Em termos de breve historial, foi depois angariado o competente apoio da Segurança Social e “adquiriram-se umas casas velhas” que após profunda remodelação deram lugar

Teixeira, técnica de serviço social ao serviço da instituição, ficamos a saber que hoje são servidos pelo Centro Social de Belver as Torres, Cimeira e Fundeira, as Arriachas, Cimeira e Fundeira, Domingos da Vinha, Alvisquer, Furtado, Areia, os Outeiros, Cimeiro e Fundeiro, e naturalmente Belver.

A todas estas localidades se vão buscar diariamente os idosos que frequentam o Centro de Dia e que regressam a suas casas após o jantar.

Actualmente o Centro Social, entretanto aumentado com uma segunda fase com mais 5 quartos e 10 camas (inaugurada a 15 de Julho de 1995) conta com 13 utentes em Centro de Dia, 20 a quem presta Apoio Domiciliário, e mais 23 na valência Lar. De referir ainda que a instituição presta serviço a seis utentes na vertente de Apoio Domiciliário Integrado, valência esta virada para pessoas acamadas, sendo portanto este trabalho mais vocacionado para a higiene e a saúde.

Saliente-se ainda que o Centro Social serve as refeições a sete crianças das várias aldeias que frequentam a escola em Belver, isto no âmbito de serviço prestado através de um acordo com a Câmara de Gavião.

No Lar do Centro Social de Belver há também deficientes, o que exigiria uma resposta diferenciada, mas acima de tudo tem real significado a palavra solidariedade. A maior parte dos utentes possui mobilidade reduzida e sentem-se também dificuldades quanto à animação, pois “as pessoas não aderem”, mas nem assim deixa de haver festas periodicamente e outro tipo de iniciativas



ao Lar que “abriu com meia dúzia de pessoas em 1989” e com “mais três pessoas em apoio domiciliário”, sendo que a partir daí foi evoluindo aquela que é a principal instituição belverense, com 29 funcionárias. A inauguração do Lar ocorreu depois a 9 de Março de 1991, possuindo então 13 camas.

De recordar é que a primeira utente do serviço de apoio domiciliário foi a D. Maria Luísa, no Furtado.

Continuando a nossa conversa com Benvinda Rosa e com Anabela



Casa de Amor

O amor acontece nos espaços onde vive, e um exemplo bem curioso é o de D. Emília, de 87 anos, e do senhor David, de 86.

Utentes do Lar, há cerca de dois anos resolveram assumir a sua ternura um pelo outro, no que receberam todo o apoio da instituição. Hoje são um casal feliz, vivendo no Lar que é o seu. Neste Lar vive também uma personalidade de Belver. Professora de muitas gerações, D. Maria Amélia Silas, com 99 lúcidos anos, aqui passa os seus dias naquela que é hoje a sua casa.



REPORTAGEM

Prioridade é aumentar o Lar

A prioridade número um do Centro Social é “aumentar as instalações a nível da valência Lar”, pois existe uma “enorme lista de espera” nesta que é uma “zona de população muito envelhecida”, daí que as inscrições para o lar sejam actualmente de 348 pessoas.

De facto este número fala por si. Mais do que dar uma ideia da realidade, este número é um retrato da própria realidade.

Mas mesmo para o serviço que o Centro actualmente presta contando, “os recursos humanos são insuficientes, em particular em determinadas alturas do ano”, como por exemplo na época de férias, mas “com a melhor boa vontade” tudo se vai fazendo graças ao empenho de quem trabalha numa casa de solidariedade.

As dificuldades também passam pela parte financeira, pois que se os utentes de Lar pagam 80% das suas reformas, estas “são muito baixas”, isto enquanto nas restantes valências o montante de participação dos utentes varia entre os 50 e os 65% das respectivas pensões, de acordo com os serviços que lhes são prestados.

A “grande colaboração da Câmara” de Gavião, sempre “numa atitude muito solidária”, é particularmente importante para o ultrapassar de algumas dificuldades, e também a Junta de Freguesia de Belver colabora com o Centro Social. Mas depois há as dificuldades com a Segurança Social, que denota “falta de sensibilidade”, uma vez que “quer que se invista em centros de dia e em apoio domiciliário”, inviabilizando o investimento nos lares, mas o que é um facto é que “as pessoas não conseguem viver em casa a partir de dado momento”.

Certo é que estamos perante uma questão de índole financeira. Porque é mais oneroso pagara a participação em serviço de lar, a Segurança Social deixou de apoiar estas estruturas para incentivar só centros de dia e serviço de apoio domiciliário, que lhe custam menos dinheiro. Só que depois chega-se a uma fase em que os idosos têm mesmo de ir para o lar e não há capacidade de resposta, quando se o investimento fosse correctamente feito gastava-se no final menos dinheiro e a resposta social era mais correcta face às

necessidades. Em Belver percebe-se bem isto!... É que o edifício do Centro Comunitário está concluído, representa um forte investimento e está de porta fechada.

O presidente da Direcção do Centro Social, Alberto Paisana, falou-nos sobre diversos aspectos da instituição.

Os investimentos que vão sendo realizados no âmbito de uma gestão muito equilibrada, os desejos que tem e que se prendem fundamentalmente com a questão das instalações.

Este ano foi pintado o exterior do edifício, que estava “em situação de ruptura”, sendo que “no ano passado tinha sido pintado metade do interior”, e a outra metade foi-o também este ano. Recentemente foi recuperado todo o equipamento de frio bem assim como o de lavandaria.

Junto ao Lar foi também recuperada uma pequena casa para servir de arrecadação. “Com uma grande contenção foi possível ter (em 2003) um resultado positivo de 49 mil euros, que obviamente são muito necessários

para investir”, salienta Alberto Paisana, para quem “não podemos actualmente ter mais obrigações pelo grande limite das instalações”. Por outro lado o presidente da Direcção do Centro Social admite que “ainda podemos ser

mais úteis em termos de apoio domiciliário”, até porque “perdemos nos últimos meses” pessoas desta valência “para irem para outros lares que as famílias conseguem arranjar”.

O novo edifício do Centro Social, uma grande obra que custou quase 100 mil contos, “está aprovado como Centro Comunitário”, vocacionado para a população jovem, isto “apesar de quase nem jovens termos”, mas de facto “era para ser Lar, só que a Segurança Social não aprova (o Lar) para não se obrigar a pagar os subsídios”.

Afinal está ali uma obra, financiada com dinheiro da Segurança Social e do PORA (Programa Operacional da Região Alentejo) cuja “intenção foi, quando se aceitou o projecto daquela forma, de poder depois afectar a sua utilização para serviço de lar, que é o que é necessário”. Assim, “é uma mais-valia que neste momento é um problema”, mas garante Alberto Paisana que “tudo faremos para dar a utilidade a este edifício que a freguesia precisa”, e que é lar de terceira idade.

Actualmente o



Há números que são reveladores das realidades e para a dimensão de Belver os seguintes são bem significativos, referentes ao ano económico de 2003 do Centro Social:

Custos com pessoal: . . 181.700 euros
Custo com alimentação: 96.560 euros

aproveitamento desta infraestrutura “é negativo e nem temos capacidade financeira para a fazer funcionar”, certo ainda que “seria um sorvedouro do que conseguimos poupar”. E até mesmo se para ali passasse o Centro de Dia, sem o Lar, os custos seria “insustentáveis por causa da separação”, já que tal obrigaria à duplicação de cozinhas, de câmaras de frio, lavandaria e pessoal. A existência de um edifício que tem todas as condições para ser lar, mas não o é porque a Segurança Social não aprova para evitar pagar as participações a que está obrigada é a tradução clara de má gestão. É que se gasta o dinheiro e não se aproveita o que está investido.

Há-de resolver-se o problema, certamente, mas entretanto quem mais sofre é quem mais precisa.

Este é um serviço que "alguém tem de fazer"



Alberto Paisana, de 58 anos, regressou de Lisboa com a reforma. “Quando me reformei não foi com o objectivo de vir fazer um trabalho destes, mas de vir tratar das minhas propriedades”, no entanto “surgiu a necessidade”, “pediram-me” e cá está.

“Não contava com esta ocupação de tempo” e de algum modo “com a ‘prisão’”, mas “abraçei esta missão com a responsabilidade que uma instituição destas merece”. Este é um serviço aos outros “que alguém tem de fazer”, e quando se conta com uma equipa tudo é mais fácil.



BOMBEIROS

CANOAS À DESCOBERTA DO TEJO

Sem velas erguidas mas com muito espírito, muita vontade de descoberta e muita alegria, uma manhã de domingo contou com um facto invulgar na nossa região... ou se calhar nem é tão invulgar assim, nós é que estamos pouco atentos.

Cerca de 50 canoas, algumas de dois e até de três lugares percorreram os 17 quilómetros de Tejo entre a



Barca da Amieira e a praia do Alamal, que é quase o mesmo que dizer entre a barragem do Fratel e a de Belver.

Pode custar um pouco, mas não é duro. E perigo não há nenhum, pois

as embarcações e equipas de salvavidas dos bombeiros de Abrantes, Avis, Castelo de Vide, Constância, Ponte de Sor e Gavião lá estavam a postos, acompanhando a descida para prever qualquer eventualidade, aliás difícil de acontecer com pouca corrente num dia mais que primaveril e com regras de segurança a impor o uso – e muito bem – de colete de salvação.

O silêncio daquele percurso é uma descoberta extraordinária, deslocando-nos num “veículo” não poluente e que anda ao sabor dos nossos braços e da maior ou menor habilidade de cada marinheiro de água doce.

A manhã começou bem cedo no quartel de Bombeiros de Gavião, com um pão vindo expressamente da Areia ainda quente em domingo cedo. Autocarro e transporte de canoas até Amieira e começa a festa que intriga alguns pescadores domingueiros e madrugadores.

Para descer o Tejo veio gente de Lisboa e até estudantes do Erasmus holandeses e italianos, a convite naturalmente de colegas da terra, sendo esta já a 3ª. Descida do Tejo organizada pelo Centro Social e Amigos dos Bombeiros de Gavião. O convívio, a aventura e também a



angariação de fundos estão patentes nesta iniciativa que em termos técnicos é liderada por Paulo Feijão e que nos explica que “esta é uma prova essencialmente de convívio”. Depois “há gente que nunca fez canoagem e que fica maravilhada com as margens”.

A margem esquerda é substancialmente diferente da direita ao longo dos 17 quilómetros de percurso.

A margem direita, a norte, do lado da Beira, tem uma diferente ocupação, mesmo em termos agrícolas; é xistosa e conta com o atractivo da linha do comboio da Beira Baixa (já electrificada mas ainda não ligada), que a bordeja e acompanha. Há mesmo um túnel – o do Outeiro - e várias escarpas foram reconstruídas pelo homem para suportar a linha férrea

Diz-se que o comboio deixa de se ouvir quando entra no túnel, e num fenómeno que se desconhece, quando sai também não se ouve o motor nem o ruído da deslocação.. Na margem esquerda, a sul, temos uma flora e uma fauna a merecer particular atenção.

O pinheiro escandinavo, algumas cascatas e outros atractivos, como por exemplo a “pedra do golfinho” fazem parte da paisagem. Uma atenção particular merece o passadiço que acompanha a margem do rio como uma estrada e que em dado local continua na margem direita. Admite-se que esse tal passadiço (que se vê ou não conforme o nível do leito do rio em função da descarga das barragens) possa ser de origem romana. De alguma forma, dizem-nos, funcionaria como “uma auto-estrada” paralela ao rio. Admite-se ainda que possa também ter tido utilidade para que embarcações pudessem ser rebocadas ao longo da margem por animais de tracção.

Outro dos atractivos desta viagem inesquecível é a aproximação da ponte de Belver, gémea da que caiu em Entre-os-Rios e que agora completa o seu centenário.

Temos afinal, conforme o andamento que se queira imprimir, próximo de três horas de passeio. E há ainda três ilhotas em que se pode parar para descansar.

Numa edição anterior desta descida já houve mesmo 140 participantes, mas este ano foram menos porque o domingo, 16 de Maio, coincidiu com um conjunto de actividades náuticas que a organização desconhecia quando marcou a data do evento.

Um dado curioso é que já tem havido mesmo mais mulheres que homens a fazer esta descida.



Para o ano há mais, se não for mesmo antes, porque de facto esta é uma iniciativa que recolhe muito sucesso junto de um nicho de público que se desloca especialmente para nela participar.

Depois da já cansada chegada ao Alamal, um banho retemperador e o almoço-convívio no quartel dos Bombeiros servido pelo Trinca-Fortes, de Carlos Bray, que faz a animação e promove toda a utilização do Zêzere com base na praia fluvial de Constância, onde possui o restaurante Trinca-Fortes. E foi também Carlos Bray quem cedeu as canoas e outro equipamento para esta aventura, que contou também como o apoio do INATEL.

FESTA DA PRIMAVERA um sucesso

A população respondeu em força e aderiu à primeira Festa da Primavera, promovida de 28 a 30 de Maio pelo Centro Social dos Bombeiros de Gavião e Amigos.

No caso concreto deste evento os objectivos, para além da festa em si mesma e do convívio, prendem-se com a aquisição de uma ambulância para os Bombeiros.

Na sexta-feira, a festa aconteceu a partir das 18h com baile com o conjunto Toc' & Foge e depois desfilaram em palco Mérito Ramos, Liliana, Rui Bandeira e Mónica Sintra. No sábado houve o Encontro de Bandas com o concerto pelas 18h, e no também os Jogos Tradicionais se integraram na Festa da Primavera. À noite, no intervalo do baile actuou o cantor Silvestre.

De destacar que a entrada nas festas é gratuita e as receitas resultam do vasto serviço de bar e da quermesse.

João Mendes, presidente do Centro Social dos Bombeiros, recordou que esta festa se insere no conjunto de eventos que vêm a ser promovidos no sentido de angariar

as verbas necessárias à aquisição de uma ambulância de transporte com equipamento de socorro e que custa cerca de 8 mil contos, tendo sido recolhido já “mais de metade desse valor”.

Na sexta-feira “foi espectacular”, realça João Mendes face à adesão que proporcionou o espectáculo em que actuaram Mónica Sintra e outros artistas. Por isso João Mendes agradece o apoio destes artistas e “da Vidisco, na pessoa do senhor João Pedro”, pois “só assim foi possível o sucesso da festa”.

Depois “há muitas senhoras a ajudar e muitos voluntários”, sendo “todo o trabalho gratuito”, por isso, “para todos eles o nosso obrigado, pois sem eles não conseguiríamos os nossos objectivos”, declara João Mendes que vinca que “só com estes anónimos se constroem grandes obras”. “São os que se escondem nos bastidores, mas é neles que temos orgulho”, salienta ainda este voluntário de tantos fogos – os do lume e todos os outros – e que agradece ainda o patrocínio de firmas do concelho e de outros limítrofes, e ainda à população o seu apoio e adesão, não faltando no rol de agradecimentos um “particular à Direcção dos Bombeiros, que afinal é a Câmara, e aos trabalhadores da autarquia, pelo seu empenho e carinho”.

O restaurante da festa e os bares encheram ou quase, e assim, com mais este evento, mais um bom pedaço da ambulância passou a ser realidade, num sonho que a passos largos e desde Setembro último ganha projecção de verdade.



DESPORTO

PISCINA

Torneio Regional de Agrupamentos



Decorreu no dia 17 de Julho de 2004, na cidade de Elvas, o Torneio Regional de Preparação onde o Departamento de Nataçao do Clube esteve presente.

Participaram neste evento, a Associação Desportiva de Castelo de Vide, Clube Elvenses de Nataçao e Clube de Futebol Os Elvenses.

Estiveram presentes 20 nadadores do nosso clube (11 masculinos e 9 femininos), onde participaram em 63 provas individuais.

As classificações foram as seguintes:

50m Mariposa

12 Anos e menos – Masculinos
4.º Lugar – Gonçalo Heitor
5.º Lugar – João Matos

3.º Lugar – Gonçalo Heitor
4.º Lugar – Pedro Martins

12-13 Anos – Femininos
3.º Lugar – Mariana Pio

12-13 Anos – Femininos
1.º Lugar – Sara Pio

15 Anos e Mais – Femininos
5.º Lugar – Ana Rita Estevinha

50m Livres

11 Anos e Menos – Femininos
7.º Lugar – Ana Silva
8.º Lugar – Joana Estrela

17 Anos e Mais – Masculinos
1.º Lugar – Francisco Neves

12 Anos e Menos – Masculinos
4.º Lugar – Pedro Martins
6.º Lugar – Ruben Gomes
8.º Lugar – Gonçalo Heitor
9.º Lugar – João Matos

50m Bruços

11 Anos e Menos – Femininos
1.º Lugar – Joana Estrela
7.º Lugar – Ana Silva

12-13 Anos – Femininos
3.º Lugar – Sara Pio

12 Anos e Menos – Femininos
3.º Lugar – João Matos
6.º Lugar – Pedro Martins
7.º Lugar – Ruben Gomes
9.º Lugar – Gonçalo Heitor

14 Anos – Femininos
2.º Lugar – Rita Martins

12-13 Anos – Femininos
2.º Lugar – Sara Pio
3.º Lugar – Mariana Pio

15 Anos e Mais – Femininos
4.º Lugar – Ana Marques

14 Anos – Femininos
1.º Lugar – Rita Martins

13-14 Anos – Masculinos
2.º Lugar – André Rodrigues
3.º Lugar – Jorge Neves

13-14 Anos – Masculinos
1.º Lugar – Jorge Neves
2.º Lugar – André Rodrigues

17 Anos e Mais – Masculinos
1.º Lugar – Francisco Neves
3.º Lugar – Gonçalo Bolas

50m Costas

11 Anos e Menos – Femininos
3.º Lugar – Ana Rita

200m Estilos

12 Anos e Menos – Masculinos
3.º Lugar – Gonçalo Heitor
4.º Lugar – João Matos

12 Anos e Menos – Masculinos
2.º Lugar – Ruben Gomes

12-13 Anos – Femininos
3.º Lugar – Sara Pio
4.º Lugar – Mariana Pio



FUTEBOL

Clube "Os Gavionenses" lidera Zona A da 1.ª Divisão Distrital da Associação de Portalegre

Com três jornadas disputadas o Clube "Os Gavionenses" mantém intacta a aspiração de conseguir a manutenção da 1.ª Divisão Distrital de Portalegre dado que conta como vitórias os jogos disputados. Para um melhor conhecimento do plantel para a época 2004/2005, que na sua maioria é constituída por jovens do nosso concelho, aqui ficam os seus nomes e o calendário da 1.ª Fase - Zona A.

Atletas

Carlos Medeiro - *Guarda Redes*

Joao Seipião - *Guarda Redes*

Cláudio - *Guarda Redes*

Edgar Roque - *Defesa*

Rui Pedro - *Defesa*

Bruno Calado - *Defesa*

Marco - *Defesa*

Bruno Soares - *Defesa*

Pimenta - *Defesa*

Nelson - *Defesa*

Fábio Gomes - *Médio*

Pedro Pereira - *Médio*

Francisco Lopes - *Médio*

Ricardo Oliveira - *Médio*

Filipe Matos - *Médio*

Gonçalo - *Avançado*

João Paulo - *Avançado*

Renato - *Avançado*

Alberto Falcão - *Avançado*

Júlio Soares - *Avançado*

Miguel Ângelo - *Avançado*

Fernando Lopes - *Avançado*

Treinador

MARIQUITOS

Departamento de Futebol

António Martinho

João Calado

Paulo Ferreira

João Carlos Casa Branca

Fernando Lopes

Alfredo Formiga

Pedro São João

Luís São João

João Madeira

António Monteiro

1.ª JORNADA	10.ª
12/09/2004 17:00h	28/11/2004 15:00h
G.D.R. GAFETENSE - S. NISA BENFICA A.D. ALTER - FUT. CLUBE DO CRATO G.D. MONTARGILENSE - C.F. OS GAVIONENSES SOC. REC. BENAVIDA - A. D. CASTELO VIDE	
FOLGA: ASS. C. POVOA MEADAS	

2.ª JORNADA	11.ª
19/09/2004 17:00h	05/12/2004 15:00h
S. NISA BENFICA - ASS. C. POVOA MEADAS FUT. CLUBE DO CRATO - G.D.R. GAFETENSE C.F. OS GAVIONENSES - A. D. ALTER A. D. CASTELO VIDE - G.D. MONTARGILENSE	
FOLGA: SOC. REC. BENAVIDA	

3.ª JORNADA	12.ª
26/09/2004 17:00h	12/12/2004 15:00h
ASS. C. POVOA MEADAS - FUT. CLUBE CRATO G.D.R. GAFETENSE - C.F. OS GAVIONENSES A.D. ALTER - A. D. CASTELO VIDE SOC. REC. BENAVIDA - G.D. MONTARGILENSE	
FOLGA: S. NISA BENFICA	

4.ª JORNADA	13.ª
03/10/2004 17:00h	19/12/2004 15:00h
S. NISA BENFICA - SOC. REC. BENAVIDA C.F. OS GAVIONENSES - A. C. POVOA MEADAS A. D. CASTELO VIDE - G.D.R. GAFETENSE G.D. MONTARGILENSE - A. D. ALTER	
FOLGA: FUT CLUBE CRATO	

5.ª JORNADA	14.ª
10/10/2004 15:00h	26/12/2004 15:00h
S. NISA BENFICA - FUT. CLUBE DO CRATO A. C. POVOA MEADAS - ASS. D. CASTELO VIDE G.D.R. GAFETENSE - G.D. MONTARGILENSE SOC. REC. BENAVIDA - A. D. ALTER	
FOLGA: C.F. OS GAVIONENSES	

6.ª JORNADA	15.ª
31/10/2004 15:00h	02/01/2005 15:00h
FUT. CLUBE DO CRATO - SOC. REC. BENAVIDA C.F. OS GAVIONENSES - S. NISA BENFICA G.D. MONTARGILENSE - A. C. POVOA MEADAS A. D. ALTER - G. D. R. GAFETENSE	
FOLGA: ASS. D. CASTELO VIDE	

7.ª JORNADA	16.ª
07/11/2004 15:00h	09/01/2005 15:00h
FUT. CLUBE CRATO - C.F. OS GAVIONENSES S. NISA BENFICA - ASS. D. CASTELO VIDE ASS. C. POVOA MEADAS - A. D. ALTER SOC. REC. BENAVIDA - G. D. R. GAFETENSE	
FOLGA: G.D. MONTARGILENSE	

8.ª JORNADA	17.ª
14/11/2004 15:00h	16/01/2005 15:00h
SOC. REC. BENAVIDA - C.F. OS GAVIONENSES A. D. CASTELO VIDE - FUT. CLUBE DO CRATO G.D. MONTARGILENSE - S. NISA BENFICA G.D.R GAFETENSE - ASS. C. POVOA MEADAS	
FOLGA: A. D. ALTER	

9.ª JORNADA	18.ª
21/11/2004 15:00h	23/01/2005 15:00h
C.F. OS GAVIONENSES - A. D. CASTELO VIDE FUT. CLUBE CRATO - G.D. MONTARGILENSE S. NISA BENFICA - A. D. ALTER A. C. POVOA MEADAS - SOC. REC. BENAVIDA	
FOLGA: G.D.R GAFETENSE	

CLASSIFICAÇÃO

	P	J	V	E	D	GM-GS
1.º GAVIONENSES	9	3	3	0	0	12-2
2.º Benavilense	9	3	3	0	0	10-2
3.º Alter	9	4	3	0	1	9-8
4.º Nisa e Benfica	6	3	2	0	1	8-6
5.º Crato	4	3	1	1	1	5-4
6.º Montargilense	3	3	1	0	2	5-8
7.º Castelo de Vide	3	4	1	0	3	4-9
8.º Póvoa e Meadas	1	3	0	1	2	0-8
9.º Gafetense	0	4	0	0	4	7-13



Câmara Municipal de Gavião
Divisão de Obras e Serviços Urbanos
ADITAMENTO DO ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º1/2000

--- Nos termos do n.º7 do artigo 27º do Decreto-Lei nº555/99 de 16 de Dezembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº177/2001, de 4 de Junho, é emitido o presente aditamento ao Alvará de Loteamento nº1/2000 de 07 de Setembro de 2000, em nome de Maria da Graça Lourenço Catarina, residente na Rua Entre Vinhas, números 29 e 31, Recoveiro, 2725.506 Mem Martins, portadora do Bilhete de Identidade nº1477437, contribuinte fiscal número 117932850, Lucília Maria Lourenço, residente em Rosmaninhal, 7400 Ponte de Sôr, contribuinte fiscal nº110896807, Manuel Catarino Lourenço, residente em Rua Vale do Homem nº5, Vale da Madeira 6040.176 Margem, contribuinte fiscal nº111643589 e Eurico Catarino Lourenço, residente em Rua Vale da Missa nºs26-28 Vale de Bordalo 6040.078 Margem, contribuinte fiscal nº121069346, através do qual são licenciadas as alterações ao já mencionado alvará de loteamento nº1/2000, em Vale de Gaviões. ---

--- As alterações aprovadas por deliberação camarária de 02 de Junho de dois mil e quatro, são referentes à cedência da área de terreno para integração em espaço do domínio público, que de acordo com a peça escrita (memória descritiva) e peça desenhada (planta de síntese), que constituem o anexo I passou a ter a seguinte caracterização: ---

- Área de prédio a lotear: 7750,00m²;
- Parcela sobrante: 1391,00m²;
- Área total de construção: 3535,00m²
- Volume total de construção: 10605,000m³

LOTE 1 – Com a área de 1000m²;

- Volumetria é de: 855m³.

LOTE 2 – Com a área de 1359m²;

- Número máximo de pisos: 2 (a partir da cota mais desfavorável do terreno);
- Número de pisos abaixo da cota as soleira: 0;
- Área de implantação máxima: 544,00m²;
- Área de construção máxima: 883,00m²
- Volumetria máxima: 2649,00m³.

LOTE 3 – Com a área de 1269m²;

- Número máximo de pisos: 2 (a partir da cota mais desfavorável ao terreno)
- Número de pisos abaixo da cota da soleira: 0;
- Área de implantação máxima: 508,00m²
- Área de construção máxima: 825,00m²
- Volumetria máxima: 2475,00m³

LOTE 4 – Com a área de 1255m²;

- Número máximo de pisos: 2 (a partir da cota mais desfavorável do terreno);
- Número de pisos abaixo da cota da soleira: 0;
- Área de implantação máxima: 502,00m²;
- Área de construção máxima: 816,00m²;
- Volumetria máxima: 2448,00m³.

LOTE 5 – Com a área de 1117m²;

- Número máximo de pisos: 2 (a partir da cota mais desfavorável do terreno);
- Número de pisos abaixo da cota de soleira: 0;
- Área de implantação máxima: 447,00m²;
- Área de construção máxima: 726,00m²;
- Volumetria máxima: 2178,00m³.

--- São cedidos à Câmara Municipal para integração no domínio público 359,00m² de terreno destinados a infraestruturas, arruamentos e passeios, conforme a planta que constitui o anexo I. ---

--- Da emissão do presente aditamento, vai ser dada imediata publicidade nos termos descritos no artigo 78º do Decreto-Lei nº555/99 de 16 de Dezembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº177/2001, de 4 de Junho. ---

--- Câmara Municipal de Gavião aos 09 dias de Junho de 2004. ---

O Vice-Presidente da Câmara
 (Germano Manuel Baptista Porfírio)

Registado na Câmara Municipal de Gavião, no Livro nº2 a folhas 43 verso a 45 em 09.06.2004.

O Chefe da Divisão de Obras e Serviços Urbanos,
 (Firmino R. Espadinha)

PROCISSÃO DAS SANTAS RELÍQUIAS fé que se renova

Em cada ano se renova a tradição e a fé, e assim mais uma vez a 15 de Agosto, Dia de Nossa Senhora, se realizou em Belver a procissão das Santas Relíquias, ao longo de séculos depositadas na igreja castelheira de S.Brás.

A história em redor das Santas Relíquias trazidas da Terra Santa pelos freires Hospita-lários é rica e confun-de-se com a beleza do próprio castelo ao longo dos séculos.

Neste dia grande em Belver, depois da missa solene celebrada pelo pároco, Padre José Serrano Farinha, e muito participada por fiéis, saíram à rua os andores da Rainha Santa Isabel e de Nossa Senhora da Visitação, seguindo atrás o sacerdote transportando o cofre das Santas Relíquias sob o pálio.



Atrás a Banda de Alvega que sempre acompanha esta manifestação de fé, em cada ano renovada.

As festas que decorreram no fim de semana contaram com baile na sexta e no sábado, dia em que também actuou o grupo folclórico mexicano Tamaulipeas. No domingo houve ainda garraizada após a celebração religiosa, baile, e brilhou a actuação do Grupo de Cantares Terras de Guidintesta, que leva sempre longe o nome de Belver, que neste dia engrandeceu no mais querido de todos os palcos, o da sua terra.



TELESCOLA

Foi criada, em Portugal, em 1965.

Aparece com o nome de Curso Unificado da Telescola que, na altura, estava equiparado ao 1.º Ciclo do Ensino Secundário, tanto para o acesso ao Ensino Liceal, como para o acesso às Escolas Comerciais e Industriais.

Quando da Escolaridade obrigatória de 6 anos, é criado o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Nessa altura o Instituto de Meios Audiovisuais da Educação passa a denominar-se ITE e o Curso Unificado da Telescola passa a chamar-se Ciclo Preparatório TV.

É necessário referir que a Telescola nunca foi um ensino à distância. Bem pelo contrário! Foi sempre um ensino, manifestamente presencial, com professores/monitores activos, na sala de aulas de Letras e de Ciências e com o extraordinário apoio audiovisual. Emissões a cargo de professores e técnicos especialistas, a partir de Vila Nova de Gaia.

Em 1988, cessam as emissões directas, a partir do Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia. Em compensação todas as Escolas são, atempadamente, equipadas com leitores de vídeo e as respectivas cassetes que continuam a apoiar os professores/monitores, no seu trabalho diário, tornando as lições muito mais activas e participadas pelos alunos.

Se por esta Escola, localmente passaram mais de mil alunos, em cerca de 40 anos, numa altura em que o prosseguimento da escolaridade, para além do Ensino Primário, só era acessível a uma minoria, podemos considerar esta via de ensino, efectivamente, inovadora, progressiva, revolucionária e alternativa, dando o melhor exemplo de democratização do Ensino, possibilitando a milhares de jovens e, até de adultos deste País, a faculdade de ascenderem a carreiras académicas e profissionais que de outro modo lhes estariam completamente vedadas. Foi a magna obra do Estado Novo, como rezará, para sempre, a História. Obra que redime um Regime de algum facto negativo. Houve pioneirismo. A Itália copiou o exemplo de Portugal. E continuou-o.

Deve-se uma referência exaltante, aos obreiros deste tipo de ensino, aos Orientadores Pedagógicos, aos professores que passaram pela Comenda, a todos os alunos da Comenda, do Vale da Feiteira, do Monte da Pedra, de Atalaia, do Sardeal... que ficaram, para sempre Telescolistas. Gabarosamente!

Vai terminar este tipo de ensino, no final de 2004, com a designação de Ensino Básico Mediatizado (EBM).

in Jornal Comenda, 7 de Agosto 2004

DIVERSOS

CENTRO DE SAÚDE
DE GAVIÃO

Marque as suas consultas através
dos telefones do Centro de Saúde de Gavião
241632133, 241632256, 241632662



COMPRA-SE

Pequena casa
Preferência com Quintal
Mesmo necessitada de obras
Zona: Belver
Telefone: 213425102

Cantinho dos Anjos

Artes
Decorativas

Aquela peça decorativa que viu na revista, está agora ao seu alcance,
pode nascer das suas ou das nossas mãos.
Diga-nos o que quer fazer que nós ensinamos-lhe, ou fazemo-lo por si.

Loja 7 e 8 em o Centro Comercial "O Tunel" - Gavião
Um espaço que é seu!
VISITE-NOS

SERVIÇO PÚBLICO - TELEFONES ÚTEIS

GAVIÃO		BELVER	
Câmara Municipal	241639070 241639071 241639079 Fax	Junta de Freguesia	241635192
Bombeiros Municipais	241632359 241632359 Fax 241632122 Emergências	Extensão do Centro de Saúde	241635121
Guarda Nacional Republicana	241632222	Farmácia Mendes	241635233
Centro de Saúde	241632133	Correios	241635111
Farmácia Pimentel	241632211	Centro Social Belverense	241635271
Santa Casa da Misericórdia	241632158	Posto Público	241635221
Correios	241632111	COMENDA	
Escola E. B. 1, 2, 3	241639000	Junta de Freguesia	245776166
Junta de Freguesia	241632283	Extensão do Centro de Saúde	245776138
Segurança Social	241632115	Farmácia Margarido	245776287
Piscina Municipal	241632189	Correios	245776166
ATALAIA		Extensão da S. C. Miser. de Gavião	245776153
Junta de Freguesia	241632618	Posto Público	245776115
Extensão do Centro de Saúde	241632618	MARGEM	
Posto Público	241632101	Junta de Freguesia	241634411
		Extensão do Centro de Saúde	241634144
		Farmácia Mendes	241634159
		Centro Social de Margem	241634334
		Posto Público	241634111

† NECROLOGIA

BELVER

17 de Junho - Josefina de Matos, 99 anos, Domingos da Vinha; **29 de Junho** - Josefa de Matos, 85 anos, Domingos da Vinha; **1 de Julho** - Maria Heitor, 86 anos, Outeiro Fundeiro; **11 de Julho** - João Farias, 85 anos, Arriacha Cimeira.

GAVIÃO

24 de Março - Rosinda Maria, 76 anos, Gavião; **26 de Março** - Olinda do Rosário, 87 anos, Gavião; **30 de Maio** - Conceição Josefa, 91 anos, Gavião; **4 de Julho** - Pedro Miguel Ascensão Reis, 19 anos, Gavião; **12 de Julho** - Judite Maria Silva Justo, 58 anos, Gavião; **6 de Agosto** - António Pinto, 80 anos, Gavião.

MARGEM

19 de Maio - Narcisa Luísa, 74 anos, Amadora; **21 de Maio** - Elisa Maria Vieira, 74 anos, Vale de Gaviões; **25 de Maio** - Maria Francisca, 81 anos, Lar da Misericórdia de Gavião; **8 de Junho** - Cesário Nunes Morgado, 50 anos, Vale de Bordalo; **18 de Junho** - António Mendes Lourenço, 73 anos, Vale de Bordalo; **29 de Junho** - Herculano Pedro Apolinário, 70 anos, Ferraria; **30 de Junho** - Maria Conceição, 77 anos, S. Bartolomeu; **2 de Julho** - Manuel Genebra Ferreira, 59 anos, Santarém.



Faleceu no dia 4 de Julho de 2004 o jovem Pedro Miguel Ascensão Reis de 19 anos de idade. A toda a família, o Gavião com VOZ(s) apresenta os sentidos pêsames

POESIA

INCONGRUÊNCIAS

A tristeza
Que paira
No olhar duma criança
Que chora em sofrimento

A dor
Sentida
Pelos enfermos
Que vivem a desumanização

A solidão
Que envolve
Os idosos entregues
A si próprios sem lamento

O esquecimento
De tantos
Que vivem o quadro
Da miséria sem consternação

Como eu gostaria de voar
Para lá do azul do firmamento...

Como eu gostaria de saber
O que há no mar profundo...

Como eu gostaria de entender
As incongruências deste Mundo.

Jorge Santos

OPINIÃO

FÉRIAS

O Verão costuma proporcionar aos trabalhadores uma pausa a que chamamos "férias" e tomando qualquer dicionário assim as definem: "O tempo em que se suspendem os trabalhos do dia-a-dia, para se conseguir o descanso e o repouso, tão necessários a quem trabalha". Elas são um direito e uma necessidade que se conseguiram conquistar ao longo de muitos decénios e lutas, que infelizmente nem sempre são aproveitadas por aqueles que as têm e por aqueles que nunca as puderam ter. No entanto elas são tempo de experiência de liberdade, da fraternidade e de cultura dos valores humanos.

Se tomarmos os livros da Bíblia logo no livro de Génesis 2,1-3 lemos que Deus criou a sua obra em seis dias e no sétimo descansou...

O sábio do livro Eclesiastes em 3,1-8 deixou escrito: O homem sensato deve saber aproveitar o valor do tempo, pois todos devemos ter consciência de que ele é um dom de Deus. "Há tempo para trabalhar e tempo para descansar,



tempo para estar só e tempo para conviver, tempo para ser servido e tempo para servir"... E bom seria que as pessoas tivessem e soubessem aproveitar as suas férias pois elas deverão ser tempo de descanso da alma e do corpo.

No documento Grandium et Spes, n.º 51 do Concílio Vaticano II podemos ler: Que as férias e os tempos livres sejam aproveitadas para descanso do espírito e saúde da alma e do corpo, ora com actividades e estudos livremente escolhidos, ora com viagens a outras regiões (turismo), com as quais se educa o espírito e os seres humanos se enriquecem com conhecimento mútuo. Podem ser bem empregadas igualmente com exercícios e manifestações desportivas, que contribuem para manter o equilíbrio psíquico, mesmo na comunidade e para estabelecer relações fraternas entre indivíduos de entre todas as nações e raças.

O nosso mundo só será diferente e progredirá na medida em que tivermos consciência das nossas responsabilidades pessoais, familiares e sociais. E para isso saibamos aproveitar as nossas férias e se esforcem para proporcionar a todos que as tenham também.

Padre Narciso

ÚLTIMA PÁGINA

PROJECTO DE LUTA CONTRA A POBREZA "RAZÕES DE VIDA" PROMOVE CAMPO DE FÉRIAS PARA BRINCAR E APRENDER

“Gosto porque gosto de estar aqui”, diz o Hugo Carvalho, de 6 anos, de Vale da Feiteira, quando com ele falámos no penúltimo dia do Campo de Férias de Verão que decorreu de 8 a 14 de Agosto na Ribeira da Venda, na Comenda.

Organizado pelo Projecto de Luta Contra a Pobreza “Razões de Vida”, o Campo de Férias dirigiu-se a crianças entre os 6 e os 12 anos de todo o concelho de Gavião, tendo participado 36 pequenotes que passaram por uma experiência que dificilmente esquecerão e que contribui decisivamente para os tornar mais autónomos, ajudando-os a crescer.



O Tiago Pereira, de 12 anos e residente na Comenda não tem dúvida de que o acampamento “tá fixe”, acrescentado que “o que gostei mais foi de fazer slide porque gosto muito das alturas”, enquanto que o Eduardo Porfírio, de Gavião e com 6 anos, afirma que “gostei do tiro ao alvo... e de tudo”.

Já a Inês Martins, também de Gavião e também com 6 anos garante que “o gostei mais foi do slide,” enquanto a Mafalda Valério, com 9 anos e de Cadafaz, declara que “o que gostei menos foi dos pequenos almoços e o que gostei mais foi de ir para a piscina e da hidroginástica”.

O cantor de serviço, segundo nos contam, foi o Marco Miguel, da Ferrari, que conta 9 anos e afirma que “gostei de ir para a piscina, dos jogos e de cantar”.

Foram 36 as crianças que participaram neste desafio e que ao longo de uma semana desenvolveram múltiplas actividades. Jogos lúdicos, didácticos e até desportos como o tiro com arco ou o slide, passando por experiências de orientação na



caça ao tesouro, de entre muito mais.

Na parte desportiva e como nos explicam os monitores – um por cada grupo de 10 crianças – não foram esquecidos os voleibol, o futebol ou o pólo aquático, tal como não foi perdida a oportunidade de

desenvolver jogos nocturnos do tipo do jogo do quebra-gelo. Ateliers de barro ou de papagaios de papel foram outras das actividades que as crianças adoraram, tal como a fogueira da última noite, aproveitada para um teatro de sombras chinesas.

Aprender e crescer, divertir-se e brincar, assim podia ser o lema deste Campo de Férias. Por isso a pequenada espera já pelo próximo verão.



O MEU MEL

ESC. SEC. C/ 3ª CEB DR. MANUEL FERNANDES - ABRANTES
www.esec-manuelfernandes.rcts.pt

€ 0.50 ANO XI - Nº 3 Jun 2004
1000 EXEMPLARES

O mel simboliza doçura da vida, a alegria de viver e os prazeres que a vida nos proporciona. É óbvio que só apreciamos e exaltamos o mel da vida porque experienciamos e conhecemos o sabor do fel que a mesma nos proporciona bastas vezes. Encontramos a doçura e a avidez na vida privada, na vida pública, nas relações amorosas ou pessoais, na vida profissional, num simples passeio, etc. Numa palavra: em tudo e em todas as circunstâncias da nossa vida.

Como sou daquelas pessoas que considera que nunca existiu um mundo melhor do que o nosso e que, apesar dos incontáveis amargos de boca que o dia a dia nos traz, as alegrias e os aspectos positivos são quer quantitativa quer qualitativamente superiores, gostaria de oferecer o mel à turma A do 12.º ano da Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes de Abrantes. Ser professor de uma turma como esta, sempre disposta a aprender e a trabalhar é uma alegria e cada aula é fonte de prazer. O seu espírito de entreatajuda, a compreensão e postura na vida, os seus interesses culturais, para além da dedicação às aprendizagens escolares, merecem ser enaltecidos. Gostaria ainda de salientar, nesta turma, o conjunto de alunos oriundos do Gavião, quer pela sua interioridade do concelho, quer pelo tempo gasto nos transportes escolares, o que salienta ainda mais o seu empenho e dedicação ao estudo.

O 12.º Ano A da Escola Dr. Manuel Fernandes honraria e engrandeceria qualquer escola, animaria e despertaria o gosto de ensinar em qualquer professor. Este punhado de jovens é uma promessa para o futuro e um cabal desmentido de inúmeros Velhos do Restelo com que tropeçamos a cada esquina. Para o 12.º A de 2004, o meu mel e com todo o gosto!

(Crónica da TSF de 03.05.04)

Mário Pissarra in *Toque de Saída* n.º3 - Junho de 2004

FESTA DA NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

Nos passados dias 4 e 5 de Setembro decorreu na Comenda as Festas em Honra da Nossa Senhora das Necessidades.

Esta festa teve o seguinte programa religioso:

Dia 4 (sábado):

9:00horas – Abertura da feira anual

10:30horas – Celebração solenizada da Eucaristia

Dia 5 (domingo):

10:30horas – Missa solenizada

13:30horas – Solene celebração da Eucaristia

14:50horas – Saída da Procissão anual.

Nota: Grande Reportagem na próxima edição do Jornal Gavião com Voz(s)

